

# OS MÉTODOS MISSIONÁRIOS DE PAULO e

## UM ESTUDO DA EXPANSÃO DA IGREJA

### ROLAND ALLEN

A essência da mensagem de Allen é o fato de que a missão da igreja é obra do Espírito, ou seja, devemos submeter nossas tradições humanas à Palavra e ao Espírito de Deus. Uma vez iniciada a leitura, o leitor será compelido a seguir em frente e encontrará na voz discreta de Roland Allen uma mensagem singularmente atual e relevante para os problemas da igreja contemporânea.

**LESSLIE NEWBIGIN** (1909-1998) foi missionário na Índia e autor de inúmeros livros, entre eles *O segredo revelado: uma introdução à teologia da missão* (Vida Nova)

Allen foi fundamental em minha formação missionária, e tenho certeza de que seus ensinamentos ainda podem revolucionar as prioridades de igrejas e agências missionárias no cumprimento da Grande Comissão.

**BARBARA BURNS**, missionária, doutora em missiologia e coordenadora do Centro de Preparo Missionário da Missão JUEP

Eu era um jovem missionário quando li Roland Allen pela primeira vez. Naquele dia, lembro-me de ter experimentado um despertamento com as várias convicções fundamentais que foram plantadas em meu coração: a missão de Deus deve ser cumprida sob a orientação do Espírito Santo, o resultado da missão é impactado por nossos métodos e o Novo Testamento — principalmente o ministério de Paulo — fornece um modelo eficaz de missões.

**DON DENT**, Golden Gate Baptist Theological Seminary, Califórnia

Novos crentes precisam ser integrados em rebanhos locais, e, quando não há um rebanho, o evangelista sábio estabelecerá novas igrejas. Sua obra não é completa até que uma igreja exista ali para nutrir e envolver os novos crentes no ministério do evangelho. Roland Allen diagnosticou esse problema há quase um século.

**PHIL NEWTON**, autor de *The mentoring church*



# SUMÁRIO

*Prefácio à edição brasileira*..... 7

## LIVRO 1

### OS MÉTODOS MISSIONÁRIOS DE PAULO

*Prefácio de Lesslie Newbigin*..... 11  
*Prefácio do editor*..... 15  
*Prefácio do autor à segunda edição (de 1927)*..... 17

Introdução ..... 21

#### PRIMEIRA PARTE

**Condições antecedentes**..... **29**  
Capítulo 1 Pontos estratégicos ..... 31  
Capítulo 2 Classe social..... 39  
Capítulo 3 Condições sociais, morais e religiosas ..... 47

#### SEGUNDA PARTE

**A apresentação do evangelho**..... **59**  
Capítulo 4 Milagres..... 61  
Capítulo 5 Finanças ..... 69  
Capítulo 6 A essência da pregação de Paulo..... 83

#### TERCEIRA PARTE

**O preparo dos convertidos** ..... **99**  
Capítulo 7 O ensino ..... 101  
Capítulo 8 O preparo dos candidatos ao batismo e à ordenação..... 115

## QUARTA PARTE

<b>O método paulino de lidar com as igrejas organizadas.....</b>	<b>129</b>
Capítulo 9 Autoridade e disciplina.....	131
Capítulo 10 Unidade.....	145

## QUINTA PARTE

<b>Conclusões .....</b>	<b>157</b>
Capítulo 11 Princípios e espírito .....	159
Capítulo 12 Aplicação.....	169
Epílogo: Um contraste atual.....	183

## LIVRO 2

## UM ESTUDO DA EXPANSÃO DA IGREJA

<i>Prefácio de Leslie Newbigin.....</i>	<i>197</i>
<i>Prefácio do editor.....</i>	<i>199</i>
Introdução à edição de 1927.....	203
Capítulo 1 A natureza e o caráter da expressão espontânea.....	209
Capítulo 2 Movimentos modernos em direção à liberdade .....	223
Capítulo 3 O zelo pela doutrina .....	249
Capítulo 4 O padrão moral cristão .....	267
Capítulo 5 Civilização e o desenvolvimento intelectual, moral e social ....	283
Capítulo 6 A organização missionária.....	303
Capítulo 7 A organização eclesial.....	325
Conclusão: O caminho da expansão espontânea .....	353

# PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

É com satisfação que prefacio esta obra, que reúne dois clássicos do missionólogo e missionário Roland Allen, os quais, mesmo escritos no começo do século 20, ainda são aplicáveis ao nosso tempo, pois as questões que preocupavam o autor são similares às enfrentadas hoje, quando ainda repetimos erros de cem anos atrás. Permanece comum, por exemplo, a forte tendência ao paternalismo e ao etnocentrismo. Além disso, facilmente nos desviamos da Bíblia, tentando reproduzir nossa cultura em vez de nos dedicarmos a fazer discípulos. Frequentemente nosso desejo de ajudar acaba prejudicando as pessoas que queremos alcançar e as igrejas que buscamos estabelecer.

Roland Allen notou esses problemas em cinquenta anos como missionário e apresentou soluções valiosas, muitas delas presentes nesta compilação. Assim, ele ainda nos desafia a uma reflexão bíblica sobre a ação missionária que valia não só para o tempo dele, mas também para o nosso.

Allen defendia os bons princípios no exercício das missões, o que expressava com ênfase em suas obras. Foi missionário na China pela Sociedade para a Propagação do Evangelho (ligada à Igreja Anglicana) e em outras partes do mundo. Em suas viagens, observou que as igrejas ao redor do mundo eram parecidas entre si, sem uma expressão contextualizada em cada lugar. Isso acontecia mesmo apesar de autores e missionários do século 19, como John Nevius e Hudson Taylor, defenderem igrejas autossustentadas, autogovernadas e automultiplicadoras. Na prática, estas continuavam sustentadas, governadas e multiplicadas pelos missionários, e não pelos crentes locais. Muitas vezes era o missionário que atuava como pastor e administrava o dinheiro para pagar as contas e construir os templos. Allen enfrentou esses problemas e tratou dessas questões em seus escritos. Entre esses problemas, um que muito o incomodava era a prática de “comprar” crentes com presentes e ao mesmo tempo manter os líderes com salários de fora, criando discípulos fracos de um lado e uma dependência indesejada de outro. O equivalente em nossos dias são igrejas que atraem pessoas com eventos, e não com a mensagem singular do evangelho, que mantém Cristo no centro.

Podemos aproveitar as lições que Allen deixou, pois ainda é mais fácil construir templos e impor práticas da cultura do missionário do que formar igrejas com membros maduros e atuantes, uma liderança local sólida e expressões naturais de liturgia.

A primeira lição nos chama para voltarmos à Bíblia como diretriz para nossas teorias e ações missionárias, o que é ainda mais relevante numa era de pragmatismo e dualismo cristão. Não raro, o estudo da Bíblia é visto hoje apenas como algo para edificação espiritual, sem relevância para a prática missionária. Falta integração entre a Bíblia e a missiologia e, assim, importa mais o que trazemos de casa, o que “funciona” ou o que é mais fácil de fazer. A maioria dos missionários que Allen observou na China, e em outras viagens, estava seguindo princípios seculares, como o darwinismo e a superioridade racial. O paternalismo, o assistencialismo e o domínio dos missionários sobre as novas igrejas e líderes também eram problemas evidentes, gerando dependência e levando convertidos e igrejas à estagnação. Para corrigir erros assim, é importante que haja um treinamento capaz de permitir ao missionário a integração entre a Palavra e a missão.

A segunda lição é que devemos focar mais especificamente nas estratégias de Paulo. Allen procurava entender como Paulo estabelecera igrejas maduras ao longo da vida missionária. Será que buscamos inspiração em seu exemplo?

A terceira lição é a que nos chama de volta à dependência do Espírito Santo. Nosso poder não está no dinheiro angariado ou posição de “superioridade”. Está na ação do Espírito de salvar pessoas e formar igrejas com discípulos que seguem mesmo sem os missionários. Allen criticou a construção de templos com dinheiro estrangeiro — especialmente os que imitavam a arquitetura do país de origem do missionário — e opôs-se a casas luxuosas para os missionários. Para ele, antes de ter como objetivo ser um pastor e líder, o missionário deveria buscar formar pastores e líderes locais. Ele queria ver igrejas robustas e com membros que exercessem os dons recebidos do Espírito. Queria ver Jesus, e não o missionário, como Senhor das igrejas.

Allen foi essencial em minha formação missionária e tenho certeza de que seus ensinamentos ainda podem revolucionar as prioridades de igrejas e agências missionárias no cumprimento da Grande Comissão. Aproveitemos a dádiva de ter esta obra em mãos.

BARBARA BURNS,  
missionária, doutora em missiologia e coordenadora do  
Centro de Preparo Missionário da Missão JUEP  
Março de 2020

LIVRO 1

**OS MÉTODOS  
MISSIONÁRIOS  
DE PAULO**

# PREFÁCIO DE LESSLIE NEWBIGIN

É um raro privilégio ser convidado para escrever o prefácio de um livro publicado há mais de quarenta anos, e que chega à sua sexta edição em inglês. Mas trata-se, de fato, de um livro incomum. Lembro-me vividamente da primeira vez em que o li. Roland Allen escreve de uma forma que às vezes é quase exasperante. É como se ele nos prendesse e se recusasse a nos soltar até admitirmos que ele está certo. Não importa para que direção o leitor se volte, Allen sempre tem um argumento para silenciá-lo. O leitor tem de ser avisado de que este é um livro que nos força a tomar decisões!

Roland Allen foi missionário na China de 1895 a 1903. Depois, por alguns anos, esteve à frente de uma paróquia inglesa, e nos quarenta anos que se seguiram, escreveu sobre princípios missionários. Grande parte dos seus escritos parecia ter sido esquecida. Este livro e outro volume, escrito em resposta a críticas, *The spontaneous expansion of the church and the causes which hinder it*,<sup>1</sup> são os únicos que parecem ter sido regularmente reeditados. O próprio Allen disse ao filho que seus escritos só seriam reconhecidos por volta de 1960. De fato, nesse ano foram reeditados, em um único volume, muitos dos seus outros escritos, entre os quais, *The ministry of the Spirit* [O ministério do Espírito]. A voz de Allen, contudo, não deixou de se fazer ouvir em todos esses anos, pois, de forma discreta, mas insistente, ela continuou a desafiar as pressuposições habitualmente aceitas nas igrejas e nas missões e, lenta e gradualmente, foi aumentando o número daqueles que se viram compelidos a ouvi-la.

Talvez uma das palavras do título seja infeliz — a palavra “Métodos”. Se alguém crê que deparará neste volume com algum “método” de “aplicação” imediata, não

---

<sup>1</sup>*Os métodos missionários de Paulo e um estudo da expansão da igreja* (São Paulo: Vida Nova, 2020), livro 2: *Um estudo da expansão da igreja*.

encontrará nada aqui. A maneira como o próprio Allen entendia seu trabalho é bem resumida nas palavras a seguir, escritas em 1932 após uma visita a uma missão na África Oriental: “Nunca pedi a nenhuma pessoa para que *fizesse* coisa alguma e, portanto, não recebo ‘sim’ ou ‘não’ como resposta. Afirmo aquilo que me parece ser a verdade clara, mas os ouvintes não sabem o que fazer a respeito. Um dia alguém acaba percebendo qual ação se faz necessária e talvez reúna forças para levá-la a cabo. Se eu estivesse ali para organizar e liderar seria diferente, mas, como vocês bem sabem, constatei há muito tempo que esse não era o caminho que o Espírito tinha para mim [...]. Tudo o que posso dizer é: ‘Esse é o caminho de Cristo e dos seus apóstolos’. Se algum homem me responde que ‘esse caminho é obsoleto’, ou que ‘os tempos mudaram’ [...], posso apenas repetir que ‘esse é o caminho de Cristo e dos seus apóstolos’ e deixar que o meu crítico lide ele mesmo com essa questão”.

De forma discreta e insistente, é isso que Allen tem feito em todos esses anos. Apesar da minha relutância, fui forçado, assim como outros também foram, a encarar a questão que ele propõe neste livro. Mas esse “ser forçado” só é a reação desejada por Allen se for uma reação que vem do Espírito. A essência e a vida da mensagem de Allen são o fato de que a missão da igreja é obra do Espírito. Conheci, por experiência própria, os longos anos de lutas com as questões missionárias abordadas pelo autor, lutas necessárias para que a igreja enfim se dispusesse a testar algumas das ideias de Allen. Mas esses anos de luta não foram meras “preliminares”; não foram uma necessidade infeliz surgida da lentidão e obtusidade de comitês e clérigos. Antes, representaram parte da preocupação essencial de Allen, a saber, a submissão, a cada geração, das nossas tradições humanas à Palavra e ao Espírito de Deus. No entanto, fiquei sabendo que alguns conselhos missionários buscaram “aplicar” os métodos de Allen ao fornecer instruções ao “campo missionário”. O resultado só poderia ser desastroso. Não há nenhum “método” aqui que “funcionará” se for “aplicado”. O que há aqui é um chamado a todos nós, um chamado a submetermos nossas práticas eclesiais herdadas ao profundo escrutínio do Espírito.

Creio que mais uma advertência se faz necessária. Allen foi missionário na Society for the Propagation of the Gospel [Sociedade para a Propagação do Evangelho]. Foi sacerdote da Igreja Anglicana, formado com uma compreensão católica das práticas eclesiais. Allen foi um Alto Clérigo. Contudo, suas ideias sobre a centralidade do Espírito nas missões o levaram a interagir com homens oriundos de práticas eclesiais muito diferentes. Um deles escreveu o seguinte

sobre o seu trabalho junto com Allen: “Nós quase nunca falávamos sobre as perspectivas eclesiais de Allen. Não tínhamos o mesmo interesse que ele pelo ministério e pelos sacramentos. Quando ele se juntou a nós, o que lhe importava profundamente era que o Espírito Santo tivesse lugar e preeminência em todo o trabalho da igreja, em toda parte, bem como as atividades práticas que essa convicção envolvia”. Essas palavras esclarecem muito do que aconteceu à mensagem de Allen nestes últimos quarenta anos. A respeito de muitos dos seus intérpretes, pode-se afirmar que eles “não tinham o mesmo interesse que Allen pelo ministério e pelos sacramentos”. No pensamento de Allen — até onde o entendo —, o lugar central concedido à obra do Espírito não implicava de maneira alguma a diminuição da importância da vida ordenada da igreja como instituição divina, unida em comunhão visível com o Senhor, bem como com os seus apóstolos, e visivelmente unida na vida sacramental. Se Allen fala pouco a esse respeito é porque toma isso tudo por certo, buscando conquistar uma audiência disposta a ouvir sobre os aspectos da atuação do Espírito que foram excessivamente negligenciados na tradição em que foi formado. Esquecer esse fato e ler as palavras de Allen pelas lentes de alguma tradição que dê pouca importância à ordem, ao ministério e aos sacramentos só poderá desembocar em uma atomização da igreja — atitude que Allen teria repudiado.

Considerarei justo apresentar essas duas advertências, porque o leitor precisa entender que está embarcando em uma leitura séria. Ao começar a ler Allen, será constrangido a ir até o fim. Descobrirá nessa voz branda, palavras de uma relevância curiosamente imediata para os problemas da igreja atual. E ficarei surpreso se o leitor não perceber, mal começada a leitura, que muitas de suas ideias habituais começam a ser questionadas por uma voz mais perscrutadora que as palavras do homem.

LESSLIE NEWBIGIN,  
bispo

# PREFÁCIO DO EDITOR

Roland Allen foi missionário no norte da China, onde trabalhou com a organização Society for the Propagation of the Gospel [Sociedade para a Propagação do Evangelho]. Depois, trabalhou por alguns anos em colaboração com os fundadores das organizações World Dominion e Survey Application Trust e, finalmente, aposentou-se no Quênia, onde morreu em 1947.

A demanda por seus livros continua, e faz-se necessária uma nova edição de *The missionary methods*.<sup>1</sup> Quando o estudo minucioso de Allen apareceu pela primeira vez, causou uma impressão surpreendente. Muitos missionários sérios ao redor do mundo foram constrangidos a lançar um novo olhar sobre o seu próprio trabalho e a fazer a si mesmos uma série de perguntas desconfortáveis, como: Nosso progresso é proporcional a todo o dinheiro e trabalho que estão sendo empregados? Esse progresso, se é que há progresso, está sendo tão rápido quanto o trabalho de implantação de igrejas do apóstolo Paulo? Estamos realmente plantando novas igrejas, ou será que só estamos perpetuando uma missão? As igrejas que plantamos são mesmo autóctones e autossuficientes? Caso contrário, por que não são? Em que fase da edificação de novas igrejas o missionário se torna dispensável?

O livro se divide em cinco partes. A primeira é um exame detalhado de como o apóstolo Paulo visitou os vários centros onde pregou e da situação do mundo social e religioso dessas regiões por volta de 50 d.C. Fica claro que o autor estudou com bastante cuidado essa situação, uma vez que ele cita autoridades confiáveis quando necessário. A conclusão de Allen é que Paulo não desfrutou de nenhuma vantagem especial ao proclamar o evangelho.

A segunda parte aborda o problema principal. Ela mostra de que maneira Paulo apresentou o evangelho, a importância dos milagres que realizou, a sua política financeira de autossuficiência (tanto para si mesmo como para as igrejas

---

<sup>1</sup>*Os métodos missionários de Paulo e um estudo da expansão da igreja* (São Paulo: Vida Nova, 2020), livro 1: *Os métodos missionários*.

que fundou) e, finalmente, o contraste alarmante entre os métodos missionários dos séculos 19 e 20 e aqueles adotados pelo apóstolo.

A terceira parte destaca a brevidade do tempo que Paulo dedicava ao treinamento dos convertidos antes do batismo, o contraste entre a rapidez com que ele designava os líderes da igreja e a lentidão que caracteriza nosso processo atual, além da nossa “supressão” e “silenciamento” inconscientes de líderes e profetas natos. Essa seção do livro naturalmente incomoda muitos missionários que o leem, além de provocar reflexões.

A quarta parte trata dos problemas ligados à autoridade e à disciplina nas igrejas. Contrasta os princípios e as ações de Paulo com os procedimentos modernos, que não foram capazes de despertar a consciência da igreja local. Afinal, em última instância, são os princípios da sua igreja que realmente levam o transgressor a corrigir sua própria atitude. Essa parte termina com um capítulo marcante sobre a edificação da unidade da igreja com meios espirituais e por meio da comunhão cristã, e não com a importação de sistemas ocidentais artificialmente impostos.

A quinta parte trata das conclusões finais. Roland Allen escreve com tamanha clareza, e com tal ênfase nos princípios exitosos de Paulo, que o interesse do leitor no tema central mantém-se até o fim.

Nos anos recentes, renovou-se o interesse neste livro e em outros escritos de Allen. Sem dúvida, isso se deve ao fato de que, em muitas partes do mundo, as igrejas e as missões estão sendo forçadas pelas circunstâncias a encarar os argumentos que Allen empregou com tanta habilidade quase meio século atrás. Ele próprio costumava dizer que cinquenta anos passariam antes que as suas perspectivas conquistassem uma grande aceitação e influenciassem a política e a prática da igreja.

É bem possível que o leitor moderno considere o estilo de Allen repetitivo e, às vezes, até entediante. Mas quem pode culpá-lo? Apesar das muitas edições que antecederam a atual, as suas lições, até agora, só foram seguidas por poucos. Para que este livro continue a ser estudado, e possa atrair muitos novos leitores, é que a World Dominion Press o reedita na presente forma.

KENNETH G. GRUBB,  
dezembro de 1960

## PREFÁCIO DO AUTOR À SEGUNDA EDIÇÃO (DE 1927)

Faz agora quinze anos desde que este livro foi publicado pela primeira vez, e concluiu-se que uma nova edição, mais barata, poderia ser proveitosa. Nesses quinze anos tenho visto e ouvido muitos afirmarem que a ação missionária em muitas partes do mundo foi influenciada pelo estudo dos métodos missionários de Paulo. E eu mesmo estou mais convencido do que nunca de que é no exame cuidadoso do trabalho dele, sobretudo na compreensão e na apreciação dos seus *princípios*, que encontraremos a solução para a maior parte das nossas dificuldades atuais. É comum falarmos hoje de igrejas autóctones. As igrejas de Paulo eram autóctones no sentido exato da palavra, e creio que o segredo da fundação delas está em seu reconhecimento da igreja como igreja local (em oposição às nossas “igrejas nacionais”) e em sua profunda crença e confiança no fato de que o Espírito faz morada nos convertidos e nas igrejas das quais eles são membros, o que permitiu ao apóstolo estabelecer essas igrejas prontamente e com plena autoridade. Não é fácil para nós, hoje, confiar dessa maneira no Espírito Santo. É mais fácil acreditar na sua obra em nós e por meio de nós do que em sua obra em nossos convertidos e por meio deles; não conseguimos confiar os nossos convertidos a ele. Mas essa é uma das lições mais claras que o estudo do trabalho de Paulo nos transmite. Acredito que ainda temos muito a aprender com o seu exemplo.

Nas resenhas que apareceram quando este livro foi publicado pela primeira vez, foi-me surpreendente e agradável descobrir que pouco se criticou minha afirmação das práticas do apóstolo. Os críticos aceitaram a afirmação dos fatos como substancialmente verdadeira, mas quase invariavelmente se concentraram em dois pontos: 1) que o abismo entre nós e as pessoas a quem pregamos hoje é mais profundo e mais vasto que o abismo que havia entre Paulo e seus ouvintes; 2) e que ele podia contar com o apoio dos convertidos da sinagoga para proteger suas igrejas de perigos que, para nós, são simples demais. Em suma, para os críticos, aquilo que era possível ao apóstolo em sua época não nos é possível hoje.

Respondi à primeira dessas críticas em um livro intitulado *Educational principles and missionary methods* [Princípios educacionais e métodos missionários],<sup>1</sup> no qual defendi que, quanto maior o abismo entre o pregador e os ouvintes, maior o valor do método apostólico. Esse argumento é extenso demais para resumir aqui, mas respondo brevemente à segunda crítica nos tópicos seguintes: 1) os perigos que costumamos prever, como o da diminuição do padrão moral, ou de uma confusão da doutrina cristã por meio da introdução de ideias emprestadas da filosofia ou das superstições pagãs, não eram menores nos dias dele do que nos nossos; 2) a ruptura entre a sinagoga e a igreja cristã surgiu tão cedo e foi tão grande que, para falar a verdade, não tardou para que começassem a ser estabelecidas igrejas que certamente não eram “extensões da sinagoga local”, e, ainda assim, a prática apostólica foi mantida; 3) em Corinto, assim como na Galácia e em Éfeso, a presença de judeus ou de prosélitos na igreja não impediu que tais perigos aflorassem; se Paulo dependesse deles, certamente fracassaria; 4) tal argumento exige que admitamos serem os ensinamentos mosaicos melhor alicerce para a moralidade e a teologia cristãs do que os ensinamentos de Cristo e do Espírito Santo; 5) a fé de Paulo em Cristo e em seu Santo Espírito o teria forçado a agir como agiu, em quaisquer circunstâncias. Ele não poderia ter dependido de nenhum poder presente nos ensinamentos da filosofia pagã, ou nos de Moisés, para firmar seus convertidos, em quaisquer circunstâncias imagináveis; 6) se fôssemos à China ou à Índia e disséssemos às pessoas ali que, em se tratando de moralidade e inteligência, elas estão tão abaixo dos judeus provincianos e dos prosélitos da época de Paulo que o apóstolo não poderia tratar com eles da mesma forma com que lidou com os provincianos da Galácia, eles ficariam insultados, e nós estaríamos dizendo algo que nos seria difícil de provar. Se qualquer pessoa me disser que, quando nos valemos desse discurso, estamos pensando apenas nas pessoas na África e em outras terras não civilizadas, só posso responder que na verdade estamos claramente pensando em todos os homens em todas as terras, porque em todo lugar onde pregamos nós recorremos ao mesmo método, e nos abtemos de estabelecer a igreja dentro do plano seguido pelo apóstolo.

À luz da experiência obtida nos últimos anos, eu poderia ter expandido este livro, mas não me pareceu sábio aumentar em muito o seu volume. Contentei-me, portanto, em fazer a menor quantidade possível de correções e de acréscimos, desenvolvendo o meu argumento em outro livro, ora publicado como volume

---

<sup>1</sup>Veja *The ministry of the Spirit* (World Dominion Press, 1960).

companheiro deste, intitulado *The spontaneous expansion of the church and the causes which hinder it*.<sup>2</sup> Nesse livro busquei afirmar o segredo da expansão que caracterizou de modo tão notável as igrejas apostólicas e examinei os obstáculos que nos impediram de estabelecer igrejas desse tipo.

Se algum leitor deseja inteirar-se mais ainda sobre os métodos missionários, só posso dirigi-lo a esse outro livro.

ROLAND ALLEN  
Beaconsfield,  
24 de junho de 1927

---

<sup>2</sup>*Os métodos missionários de Paulo e um estudo da expansão da igreja* (São Paulo: Vida Nova, 2020), livro 2: *Um estudo da expansão da igreja*

## PRIMEIRA PARTE

# CONDIÇÕES ANTECEDENTES

1. *Pontos estratégicos.* Até que ponto o êxito de Paulo ocorreu em virtude da posição ou das condições dos lugares onde ele pregou?
2. *Classe social.* O êxito de Paulo decorreu da existência de uma classe à qual ele fez um apelo especial?
3. *Condições morais, sociais e religiosas.* A situação moral, social e religiosa das províncias era tão diferente de qualquer situação conhecida na modernidade que qualquer comparação entre o trabalho de Paulo e o nosso seria inútil?

## PONTOS ESTRATÉGICOS

É praticamente impossível defender a ideia de que Paulo tenha planejado suas jornadas intencionalmente e de antemão, isto é, que ele tenha escolhido certos pontos estratégicos para fundar suas igrejas e então partido para a execução do plano. O único argumento que parece apoiar essa teoria é o uso do termo “a obra” em relação à sua primeira viagem missionária em Atos 13.2 e 14.26; e “trabalho” em 15.38. Em Atos 13.2, lemos: “... O Espírito Santo disse: ‘Separai-me Barnabé e Saulo para *a obra* a qual os tenho chamado’”. Em 14.26, tomamos conhecimento de que os apóstolos voltaram a Antioquia, “onde haviam sido confiados à graça de Deus para *a obra* que acabavam de completar”. E em 15.38, Paulo se queixa de Marcos, que “desde a Panfília havia se afastado deles e não os acompanhara *no trabalho*”. O conjunto dessas palavras parece implicar naturalmente que (a) havia um plano definido antes do início do trabalho entre os apóstolos, (b) que eles realmente cumpriram o plano e (c) que a culpa de Marcos estava no abandono de um trabalho que ele se propusera a realizar.

Contudo, essa interpretação encontra obstáculos enormes. Se aceitarmos a teoria do professor Ramsay de que as igrejas para as quais a Epístola aos Gálatas foi escrita eram as igrejas no sul da Galácia, as quais Paulo fundou nessa viagem, então não pode haver dúvida de que ele não planejava visitá-los quando partiu da Síria, porque nessa epístola ele afirma claramente que lhes havia pregado por ter sido levado ou permanecido entre eles em razão de uma enfermidade da carne (Gl 4.13).

A explicação mais natural para a volta de João Marcos de Perge é a de que ele retornou porque viu que, depois da crise em Pafos (At 13.6), Paulo se tornaria o verdadeiro líder da missão no lugar de seu primo Barnabé e que Paulo estava preparado tanto para pregar fora da sinagoga, aos gentios, com maior liberdade do que ele havia previsto, quanto a aceitar os gentios na comunhão em termos que ele dificilmente estava disposto a aceitar. Ele viu, também, que Paulo planejava

penetrar em regiões mais remotas, talvez mais perigosas, do que ele havia esperado. Em outras palavras, houve em Perge uma verdadeira mudança tanto na direção quanto na natureza da missão.

Com base nisso, parece mais sensato supor que o termo “obra” seja usado em um sentido geral de objetivos da viagem, em vez de uma esfera mais definida de ação. Todavia, qualquer que seja a perspectiva adotada sobre essa primeira viagem, fica perfeitamente claro que, na segunda, Paulo não estava seguindo nenhuma rota pré-determinada. Se ele tinha algum propósito definido quando deixou Antioquia, era o de passar pela Cilícia e pelo sul da Galácia até chegar a Éfeso. Afirma-se expressamente que ele tentou pregar na Ásia, mas que foi proibido de fazê-lo pelo Espírito Santo e que procurou, então, adentrar a Bitínia, tendo sido mais uma vez impedido pelo Espírito (At 16.6,7). Assim, ele se encontrou em Trôade sem saber para onde deveria ir, até ser dirigido à Macedônia por uma visão. Tendo pregado em Filipos, Tessalônica e Bereia, aparentemente foi expulso da Macedônia e fugiu para Atenas,<sup>1</sup> sem nenhuma intenção, ao que parece, de lá se estabelecer como pregador, mas simplesmente como um recuo até que as circunstâncias lhe permitissem voltar à Macedônia. Quando foi expulso de Atenas, seguiu até Corinto, seja porque era o lugar mais conveniente para manter contato com a Macedônia, seja por ter sido dirigido pelo Espírito. Em tudo isso há poucos indícios de premeditação ou de um plano deliberado.

Resta apenas um lugar onde Paulo estabeleceu uma igreja antes de seu primeiro aprisionamento, a saber, Éfeso. Parece, com base em Atos 18.19, que ele passou por lá brevemente ao seguir a rota de sua viagem a caminho de Jerusalém e que, ao encontrar pessoas na cidade prontas a ouvi-lo, prometeu retornar.

Nessa terceira viagem, Paulo aparentemente traçou seus planos e os executou conforme foram planejados até Éfeso, mas depois ficou tão incerto quanto às suas decisões que se permitiu ser acusado de vacilar (2Co 1.15,18). É durante essa viagem que encontramos o primeiro plano expresso de trabalho futuro. Quando, em Éfeso, “Paulo resolveu, em seu espírito, ir para Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia, porque dizia: Depois de ir para lá, preciso ir também para Roma” (At 19.21).

Assim, a partir desse breve resumo, não posso deixar de concluir que Paulo não planejou suas viagens missionárias deliberadamente. Não obstante, há certos fatos na história das viagens do apóstolo que exigem atenção:

---

<sup>1</sup>Ramsey afirma que ele “deixou Bereia sem nenhum plano fixo” (*St. Paul the traveller*, p. 234).



LIVRO 2

**UM ESTUDO  
DA EXPANSÃO  
DA IGREJA**

# PREFÁCIO DE LESSLIE NEWBIGIN

Roland Allen foi um missionário anglicano na China de 1895 a 1903. Depois, durante alguns anos, esteve à frente de uma paróquia inglesa. Nos quarenta anos que se seguiram ao seu retorno da Ásia, Allen escreveu sobre princípios missionários. A maior parte de seus escritos parece ter sido esquecida, e este livro, assim como o que o antecedeu, *Missionary methods*<sup>1</sup> são os únicos que foram reeditados com regularidade. O próprio Allen disse a seu filho que sua obra só começaria a ser reconhecida por volta de 1960. De fato, naquele ano muitos outros de seus escritos foram publicados em um único volume (*The ministry of the Spirit*<sup>2</sup> [O ministério do Espírito]), mas sua voz não passou todos esses anos em silêncio. Ela continuou, de forma discreta e insistente, a desafiar as premissas aceitas pelas igrejas e pelas missões, e, lenta e gradualmente, a quantidade daqueles que se viram compelidos a ouvi-la foi aumentando.

Eu fui um desses, ainda que relutante, e vi outras pessoas da mesma forma, sendo atraídas pelos ensinamentos do autor. No entanto, tal impulso só pode ser o desejado por Allen se vier do Espírito, uma vez que o ponto central e a essência de sua mensagem era que a missão da igreja é obra do Espírito. Conheci por experiência própria os longos anos de luta necessários para que uma igreja se dispusesse, enfim, a testar algumas das ideias de Allen. Mas esses anos de luta não foram meras “preliminares”; não foram uma necessidade infeliz surgida da lentidão e obtusidade de comitês e clérigos.

Antes, eles foram parte da preocupação essencial de Allen, a saber, a submissão das nossas tradições humanas à Palavra e ao Espírito de Deus a cada geração. No entanto, fiquei sabendo que alguns conselhos missionários buscaram “aplicar” os métodos de Allen ao fornecer instruções ao “campo missionário”. O resultado só

---

<sup>1</sup>*Os métodos missionários de Paulo e um estudo da expansão da igreja* (São Paulo: Vida Nova, 2020), livro 1: *Os métodos missionários de Paulo*.

<sup>2</sup>*The ministry of the Spirit: selected writings of Roland Allen*, organização de David Paton (Cambridge: The Lutterworth Press, 2012).

poderia ter sido desastroso. Não há nenhum “método” aqui que “funcionará” se for “aplicado”. O que há aqui é um chamado a todos nós, um chamado a submetermos nossas práticas eclesiais herdadas ao profundo escrutínio do Espírito.

Creio que mais uma advertência se faz necessária. Allen foi um missionário da Society for the Propagation of the Gospel [Sociedade para a Propagação do Evangelho]. Foi sacerdote da Igreja Anglicana, formado com uma compreensão católica do ofício eclesial. Era um alto clérigo. Suas ideias sobre a centralidade do Espírito nas missões o colocaram em comunhão com clérigos de tradições eclesiais das mais variadas. Um deles escreveu o seguinte sobre sua experiência de trabalhar com Allen: “Nós quase nunca falávamos sobre as perspectivas eclesiais de Allen. Não estávamos interessados da mesma forma que ele pelo ministério e pelos sacramentos. Quando ele se juntou a nós, o que lhe importava profundamente era que o Espírito Santo tivesse lugar e preeminência em todo o trabalho da igreja, em toda parte, bem como as atividades práticas que essa convicção envolvia”. Essas palavras revelam muito do que aconteceu com a mensagem de Allen nesses anos intermediários. Sobre muitos de seus leitores, podemos afirmar que “não estavam interessados da mesma forma que ele pelo ministério e pelos sacramentos”. No pensamento de Allen — até onde o entendo —, o lugar central concedido à obra do Espírito não implicava de maneira alguma a diminuição da importância da vida ordenada da igreja como instituição divina, unida em comunhão visível com o Senhor, bem como com seus apóstolos, e visivelmente unida na vida sacramental. Se Allen fala pouco a respeito disso é porque pressupõe tudo isso e busca chamar a atenção do leitor aos aspectos da operação do Espírito que acabaram sendo ignorados demais na tradição da qual ele fazia parte. Esquecer-se disso, e ler as palavras de Allen acerca da obra do Espírito através das lentes de uma tradição que dá pouca importância às ordenanças, ao ministério e aos sacramentos só pode levar a uma divisão da igreja, o que Allen certamente teria repudiado.

Pareceu-me justo fazer essas duas breves advertências, porque o leitor precisa saber que está embarcando em um empreendimento sério. Uma vez iniciada a leitura, o leitor será compelido a ir em frente e encontrará nessa voz discreta uma mensagem singularmente atual e relevante sobre os problemas da igreja contemporânea. E ficarei surpreso se o leitor não descobrir, em pouco tempo, que muitas de suas ideias habituais estão sendo questionadas por uma voz mais perscrutadora que as palavras do homem.

# PREFÁCIO DO EDITOR

Foi apenas gradualmente que o livro *The spontaneous expansion of the church*,<sup>1</sup> de Roland Allen, consolidou sua reputação entre aqueles que se preocupam com a missão da igreja. Isso é estranho, uma vez que se trata, em muitos aspectos, de obra mais madura que *Missionary methods*<sup>2</sup> e mais pertinente às tarefas específicas com as quais as igrejas e as missões precisam lidar hoje. Mesmo assim, o fato de que uma nova edição se faz necessária na presente conjuntura significa, talvez, um reconhecimento de que este livro contém muita coisa que precisa ser dita e lida exatamente agora.

Faz mais de trinta anos que o livro foi escrito. Ainda assim, estudá-lo nessa oportunidade é apreciar de uma nova maneira o toque profético com que Allen, repetidas vezes, dá vida a sua análise e abordagem. Algumas das coisas que ele diz hoje parecem lugares-comuns, mas elas praticamente não eram discutidas com a menor seriedade quando ele se dispôs a publicar este livro pela primeira vez. Muitos exemplos poderiam ser citados. Allen nos adverte, por exemplo, a ter cuidado com o crescimento do nacionalismo, indicando que isso poderia dificultar a situação de qualquer estrangeiro. Ele ensina a mesma lição quando trata da própria organização da igreja e se pergunta por quanto tempo os cristãos nativos aceitarão o missionário estrangeiro como guardião de sua espiritualidade. Allen viu todas essas coisas como situações que precisavam ser reconhecidas e encaradas antes que se agravassem. Agora que essas situações são óbvias, todos as enxergam, mas nem todos estão prontos a dizer o que é preciso ser feito em relação a elas, já que, na maior parte, estão fora do nosso controle. Allen dispunha de uma teoria da missão e do desenvolvimento da igreja que lhe permitia encarar esse tipo de futuro provável sem a menor apreensão. Podemos perguntar — e seria, de fato, fascinante saber: O que ele teria a dizer sobre uma transformação política radical como o advento do regime comunista na China?

---

<sup>1</sup>*Os métodos missionários de Paulo e um estudo da expansão da igreja* (São Paulo: Vida Nova, 2020), livro 2: *Um estudo da expansão da igreja*.

<sup>2</sup>Idem, livro 1: *Os métodos missionários de Paulo*.

Allen combinava tanto perspicácia quanto capacidade de antever as coisas, e não apenas percebia tendências, mas era capaz de captar o que significavam. Por isso seus escritos preservam seu valor e podem ser estudados e reestudados com proveito. De fato, *Um estudo da expansão da igreja* é uma obra que *deve* ser estudada mais de uma vez, já que é um desafio a todas as nossas atitudes acomodadas e pressuposições simplistas. E não se pode inferir que a profundidade de suas críticas — que são bastante construtivas, ressalte-se — seja substancialmente diminuída pelo fato de que os acontecimentos, em muitos aspectos, acabaram ultrapassando as suas previsões. Nem todos os pressentimentos de Allen se concretizaram, pois ele não é mais imune do que qualquer um de nós à possibilidade de estar equivocado.

É instrutivo fazer um giro pelo capítulo 5, “Civilização e educação”, lembrando que o autor o escreveu na década de 1920, quando não havia no Ocidente a menor dúvida quanto à sagrada responsabilidade do progresso universal estar particularmente confiado às suas mãos. Nesse capítulo, Allen implora para que não confundamos a fé em Cristo com o progresso intelectual e moral, ou mesmo com a doutrina social cristã. Somos menos propensos, sem dúvida, a incorrer nessa mesma confusão que os homens daquela época. Fomos disciplinados por uma Segunda Guerra mundial, pela ascensão e disseminação do comunismo, pela consciência vívida de que criamos instrumentos de poder e de terror que talvez mal consigamos controlar; e descobrimos, humilhados, que as nossas instituições populares na Europa ou na América não podem de modo algum fornecer de forma infalível convicção e propósito suficientes em si para dotar nossa civilização de um senso de visão e de missão. Assim disciplinados, descobrimos agora que a nossa verdadeira missão o tempo todo era proclamar o evangelho do Senhor Jesus Cristo crucificado e ressurreto. Era isso que Allen estava dizendo e rogando-nos para que víssemos, mas esse fato estava oculto aos nossos olhos. Poucos, entre os que lerem esse capítulo hoje, encontrarão nele algum ponto do qual discordar, e, na verdade, é melhor aprender depois do acontecido do que não aprender nunca.

Portanto, não é difícil enxergar a razão do interesse renovado nos escritos de Allen, pois o fato é que as igrejas e as missões estão sendo forçadas pelas circunstâncias a encarar os argumentos apresentados por ele com tanta habilidade há meio século. Ele próprio costumava dizer que cinquenta anos se passariam antes que suas perspectivas obtivessem ampla adesão e passassem a influenciar a política e a prática das missões cristãs.

O leitor atual pode muito bem achar o estilo do autor repetitivo e às vezes até entediante. Mas quem pode culpar Allen? Apesar das edições anteriores, foram poucos até agora que seguiram seus ensinamentos. Para que este livro continue a ser estudado e possa atrair muitos novos leitores é que a World Dominion Press fez com que ele fosse reimpresso em uma configuração completamente nova.

Ao mesmo tempo, é importante lembrar que Allen, não menos que qualquer outro autor, precisa ser lido com discernimento e bom senso, e, em alguns trechos, com reservas. Não são habilidosos aqueles elaboradores de políticas públicas que engolem de maneira indiscriminada as perspectivas de quem quer que seja e que as interprete de forma, digamos, quase mecânica, em um mundo em que as questões — espirituais, políticas, morais ou econômicas — aparecem entrelaçadas de forma extremamente delicada e complexa.

É quando Allen trata das organizações missionárias do Ocidente como elas são que considero mais difícil acompanhá-lo. Ele admite que temos de lidar com as sociedades e os comitês missionários modernos, com sua vasta gama de atividades e procedimentos complexos, como o principal agente, até aqui, do “trabalho missionário”. Ele é excessivamente pessimista quanto à possibilidade de que o trabalho dessas missões resulte naquilo que ele reconheceria como igrejas que se propagam, sustentam-se e governam a si mesmas. Allen nos mostra como começar de novo desde o início, mas não é sempre tão claro sobre como poderíamos começar a partir da metade do caminho, que é justamente de onde a maioria de nós precisa começar. Creio que aqui seus vislumbres do futuro são um tanto ilusórios, porque me parece bastante evidente que o trabalho das missões, com todos os seus defeitos, está levando, e levou à existência de igrejas que apresentam as marcas da verdadeira igreja de Cristo e que estão ávidas por se propagar através do evangelismo.

Graças a um comum e voluntário acordo, a era da dominação missionária na igreja chegou ao fim. Não é mais possível ao missionário ter domínio sobre a igreja; uma situação sempre indesejável. É verdade que a liderança das igrejas muitas vezes está nas mãos de homens que se mostram influenciados, a um ponto óbvio até demais, pelos padrões e perspectivas ocidentais e que, portanto, nem sempre são representantes das potencialidades dos países onde servem. No entanto, mesmo que se admita tudo isso — e muito se poderia acrescentar a esse respeito —, perguntamo-nos se talvez, durante essas difíceis décadas, as missões ocidentais não realizaram seu trabalho com maior destreza e mais orientação do Espírito Santo do que Allen está disposto a admitir.

Por fim, vale sempre lembrar, e mais enfaticamente neste estágio da história, que não há nada especialmente sacrossanto nas coisas nacionais ou locais em si mesmas. Há razões naturais e muito convincentes — muitas delas de natureza simples e prática, e não tanto teológica — pelas quais a igreja deveria estar profundamente enraizada na vida, na cultura e nos modos de expressão de uma nação; pelas quais deveria ser sustentada por seus próprios membros; e pelas quais deveria governar a si mesma, sujeita à ordem do Novo Testamento, segundo sua própria intuição e perspectiva. Mas a verdadeira natureza da igreja é supranacional e ecumênica. Sua própria existência é uma censura às pretensões arrogantes do nacionalismo exagerado, quer no Oriente, quer no Ocidente. A igreja deveria se gloriar, em vez de relutar, em manter relações de auxílio mútuo com outras igrejas, sem que para isso a nacionalidade seja um critério decisivo. Cabe ao comitê ou sociedade missionária, mais uma vez, ser pioneiro e descobrir o que isso significa em relação a serviço pessoal, oração, suprimento de meios, troca de perspectivas, organização e valorização de serviços técnicos; como o ensino da fé e ao treinamento na fé. Mas a importância deste livro de Allen reside, em parte, nesta constatação: aqueles que melhor compreenderem a ênfase do autor em cada uma das três palavras principais do título *The spontaneous expansion of the church* (“expansão”, “espontânea” e “igreja”) serão aqueles que mais cuidadosamente cumprirão essa tarefa pioneira da igreja.

Que o leitor não se incomode com o fato de Allen empregar o termo “nativo”, ou de se referir um tanto indiscriminadamente às culturas e às religiões não cristãs como “pagãs”. Poucos na época questionavam a propriedade desses termos. Do mesmo modo, “campo missionário” era a descrição correta do escopo da missão cristã nos dias do autor. Não há dúvida de que houve, desde então, grandes mudanças no relacionamento entre as igrejas e as missões, o que reflete, aliás, a veracidade da tese de Allen. Também me parece evidente que há uma forte necessidade, hoje, de levar a sério o pensamento do autor, sem que sejamos dissuadidos pelas falhas de seu estilo e pontuação, às vezes estranhos.

KENNETH G. GRUB,  
missionário anglicano

Dezembro de 1960

# A NATUREZA E O CARÁTER DA EXPRESSÃO ESPONTÂNEA

## I

Quando deixamos os incansáveis pedidos e exortações que enchem as páginas das nossas revistas missionárias modernas e nos voltamos às páginas do Novo Testamento, ficamos admirados com a mudança de atmosfera. Paulo não exorta as igrejas vez após vez a fazer contribuições financeiras para a propagação da fé; ele está muito mais preocupado em lhes explicar no que essa fé consiste e como devem praticá-la e preservá-la. O mesmo se aplica a Pedro, a João e a todos os autores apostólicos. Eles não parecem sentir nenhuma necessidade de reiterar a Grande Comissão e de insistir no dever dos convertidos de fazer discípulos de todas as nações. O que lemos no Novo Testamento não são apelos ansiosos para que os cristãos espalhem o evangelho, mas notas, aqui e ali, que sugerem como ele estava sendo difundido pelo mundo: “Dessa forma, as igrejas eram firmadas na fé, e a cada dia cresciam em número” (At 16.5); “... a vossa fé em Deus foi divulgada em todos os lugares, a ponto de não precisarmos mais falar sobre isso” (1Ts 1.8); ou em resultado de perseguição: “... os que foram dispersos iam por toda parte, anunciando a palavra” (At 8.4).

Não se tratava de uma característica peculiar da era apostólica, de mero indício da notória inspiração dos apóstolos, bem como do poder de sua pregação e exemplo. Durante séculos a igreja cristã continuou a se expandir em razão de sua própria graça inerente, emergindo dela um contingente incessante de missionários sem nenhuma exortação direta.

Tampouco a pregação desses missionários anônimos resultou na criação de numerosos grupos cristãos separados em diferentes cidades e vilarejos ao longo do Império. Todos esses grupos eram igrejas plenamente equipadas. A primeira

informação de que dispomos sobre a existência de cristãos em numerosas regiões é fornecida pelos nomes dos bispos na lista dos concílios. A expansão da igreja era ordenada. A partir do momento que, em qualquer lugar, surgiam convertidos, designavam-se ministros entre eles mesmos — presbíteros ou bispos —, que podiam organizar e trazer para dentro da unidade visível da igreja todo novo grupo de cristãos que surgisse nos arredores.

Foi assim que o seguinte pôde acontecer:

Setenta anos após a fundação da primeira igreja cristã gentia, na Antioquia da Síria, Plínio escreveu, nos termos mais fortes possíveis, acerca da disseminação do cristianismo por toda a distante Bitínia, disseminação que, a seu ver, já ameaçava a estabilidade das outras seitas em toda a província. Setenta anos ainda mais tarde, a polêmica pascal revela a existência de uma federação de igrejas cristãs que se estendia de Lion a Edessa, com sede em Roma. E ainda outros setenta anos depois, o imperador Décio declarou que ter um imperador rival em Roma seria melhor que ter um bispo cristão. Todavia, antes que decorressem outros setenta anos, a cruz foi costurada sobre as cores romanas.<sup>1</sup>

É isso que quero dizer com “expansão espontânea”. Refiro-me à expansão decorrente da atividade dos membros individuais da igreja, os quais não precisam de exortações e organização prévias para explicar aos seus vizinhos o evangelho que eles descobriram. Refiro-me à expansão decorrente da atração irresistível da igreja cristã sobre os homens que observam o modo de vida dos cristãos e são atraídos pela vontade de descobrir o segredo de tal modo de vida, do qual eles instintivamente desejam participar. Refiro-me também à expansão da igreja por meio do surgimento de novas igrejas.

Não sei a impressão que outros têm desse movimento, mas, para mim, essa expansão espontânea, que prescinde de exortações e organização, apresenta um charme que ultrapassa em muito o que se vê em nossas missões modernas altamente organizadas. Gosto de pensar que um cristão, viajando a negócios ou fugindo de perseguição, podia pregar o evangelho de Cristo, e assim uma igreja germinaria como resultado dessa pregação, sem que o seu trabalho missionário fosse alardeado pelas ruas de Antioquia ou de Alexandria. Também não haveria necessidade de solicitações de contribuições financeiras para a fundação de alguma escola, nem

---

<sup>1</sup>Harnack, *Mission and expansion*, vol. 2, p. 486.

## DOIS CLÁSSICOS REUNIDOS EM UM ÚNICO VOLUME

Em *Os métodos missionários de Paulo*, Roland Allen nos convida a examinar a obra missionária de Paulo, a qual o autor afirma ser o paradigma para toda obra missionária, uma vez que, nos acontecimentos de Atos em que Paulo estava envolvido e também em suas Cartas, vemos o apóstolo lidar com diversos problemas e tratar de assuntos como treinamento, discipulado, finanças e disciplina.

*Os métodos missionários de Paulo* e sua continuação, *Um estudo da expansão da igreja*, são clássicos que ainda hoje nos desafiam a avaliar a atuação das igrejas e das missões à luz da Bíblia e a submeter nossos esforços ao poder e à ação do Espírito Santo. Esses dois livros, compilados neste volume, chegam pela primeira vez ao público brasileiro.

A essência da mensagem de Allen é o fato de que a missão da igreja é obra do Espírito, ou seja, devemos submeter nossas tradições humanas à Palavra e ao Espírito de Deus. Uma vez iniciada a leitura, o leitor será compelido a seguir em frente e encontrará na voz discreta de Roland Allen uma mensagem singularmente atual e relevante para os problemas da igreja contemporânea.

**Leslie Newbigin** (1909-1998) foi missionário na Índia e autor de inúmeros livros, entre eles *O segredo revelado: uma introdução à teologia da missão* (Vida Nova)

  
VIDA NOVA  
vidanova.com.br

 /vidanovaedicoes

 @edicoesvidanova

 @edicoesvidanova

 /edicoesvidanova

